

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM

DOCÊNCIA DA EJA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: JUVENTUDES

PRESENTES NA EJA

INVISIBILIDADE SOCIAL

MONICA DE CASSIA CORNÉLIO PIMENTA CAMPOS

Orientadora: Professora Cláudia Regina dos Anjos

BELO HORIZONTE

2011

TRABALHO DE CAMPO NA EJA: INVISIBILIDADE SOCIAL

MONICA DE CASSIA CORNÉLIO PIMENTA CAMPOS¹

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Paulo Freire

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A partir de minha prática pedagógica em turmas de EJA em Ribeirão das Neves, pude verificar o quanto à questão relacionada a periferia estava presente no cotidiano da sala de aula. Em muitas ocasiões, presenciei comentários dos alunos a respeito de suas profissões, da distância entre o local de trabalho e a escola e das dificuldades de inserção no mundo trabalho.

Embora tratassem de outros assuntos, tais como futebol, namoradas, modelos de moto, compra de celulares, uso de bonés, trabalhos escolares entre tantos outros, essas questões do mundo trabalho eram recorrentes porque o local onde os educandos residiam ora limitava o processo educacional, ora dificultava o ingresso no mercado de trabalho. Para os que estavam empregados, em virtude da distancia entre o trabalho e a escola e da precariedade do transporte coletivo, a perda do primeiro horário de aula era algo comum. A Escola, especificamente, a modalidade de EJA, por muito tempo, apresentou e ainda apresenta dificuldades de reconhecer seus sujeitos e organizar um trabalho para atendê-lo na sua especificidade. Para aqueles que se encontravam desempregados, a situação era inversa. Quando participavam do processo de seleção de alguma empresa, principalmente as localizadas em Belo horizonte eram, muitas vezes, eliminados devido à localização, de origem, ou seja, a cidade de Ribeirão das Neves, já que existe um preconceito contra os cidadãos nevenses, em função da presença de cinco presídios. De qualquer forma, trata-se de situações que invisibilizavam esses sujeitos de direitos, reduzindo-os às estatísticas e dados sociais.

¹ Licenciatura em História pela PUC - MG e professora na Escola Municipal Sebastião Gomes de Ribeirão das Neves – MG.

Dividido em quatro partes, este trabalho tem por objetivo descrever e analisar uma experiência educativa de EJA, desenvolvida na Escola Municipal Sebastião Gomes, no segundo semestre de 2010, detendo como foco a temática juventude e invisibilidade social.

Na primeira parte, descrevo o contexto em que a escola está inserida, o perfil dos alunos, destacando o público jovem. Na segunda parte, apresento, em linhas gerais, as situações de aprendizagem que foram desenvolvidas pelos professores durante a realização do projeto invisibilidade social. Na terceira parte, procuro me deter em questões relacionadas às juventudes e cidade. Isso porque uma das constatações a que cheguei ao realizar o referido projeto foi que os jovens não possuem, via de regra, identificação com o município em que está inserido. (Aqui me debruço sobre conceitos como juventude, identidade, cidade e educação). Na quarta parte, tento retomar ao contexto educacional, enfatizando a necessidade de se articular as práticas juvenis dentro e fora da escola às práticas escolares.

Educação de Jovens e Adultos: contexto e sujeitos sociais

Desde 2007, leciono na Escola Municipal Sebastião Gomes as disciplinas de História e Formação Humana. Situada em uma área limítrofe entre Belo Horizonte e Ribeirão das Neves, o público da referida escola possui pouca identificação com seu município, já que o trabalho, lazer e o consumo são, na maioria das vezes, obtidos na capital.

A Escola Municipal Sebastião Gomes, tem começo de suas atividades no atendimento da Educação de Jovens e Adultos no ano 2000. Funcionando em três horários (manhã, tarde e noite), mas ofertando a modalidade EJA apenas no noturno de 18h às 22h30. Com flexibilidade de entrada e saída dos educandos, em função de suas especificidades, trabalho, filhos, doenças entre outras adversidades da vida normal. A escola também oferece boa estrutura física referente à materialidade em relação às outras escolas da rede. Atendendo de modo satisfatório as demandas dos educandos e educadores

No noturno possui atendimento na secretária da escola, para as diversas demandas de ordem burocráticas da vida escolar dos educandos. A Biblioteca fica aberta à disposição dos alunos para possíveis consultas bibliográficas, de trabalhos, estudos de modo geral e ainda com disponibilidade para que ocorram aulas naquele espaço. Em função, inclusive, de uma disposição diferenciada da organização espacial oferecido em salas convencionais de aula e ou também auxílio de material adequado, tais como televisão, equipamento de som, material virtual CDs e DVDs entre outros. Existe também um laboratório de informática, com boa estrutura, oferecendo cerca de vinte computadores, todos ligados em rede com acesso a

internet. Em breve será oferecido cursos de formação e atualização aos educandos da EJA. Fato esse que possibilitará uma possível motivação a mais para contribuir com a participação efetiva dos educandos da EJA. Incentivando principalmente o público jovem presente na escola. Atendendo uma demanda real e atual, não só para capacitá-los para o mercado de trabalho, assim como atualizá-los no que tange as demandas de conhecimentos do mundo contemporâneo.



O espaço da cantina é também espaço simbólico na construção de convivência e trocas de experiências. Vale ressaltar, que a hora do intervalo, é um dos momentos propícios para processo de socialização entre jovens e os adultos. É nesse espaço físico e também cheio de representações simbólicas, que acontecem com frequência, as diversas atividades propostas pelo coletivo dos educadores da escola, tais como: dinâmicas de grupo, palestras diversas, mostras de trabalhos individuais e ou coletivos, cartazes, recitar poesias, danças, apresentação de Hip Hop, Funk, festas juninas. Essas, geralmente com apresentação de quadrilha e participação dos alunos que demonstram envolvimento e satisfação por sentirem-se protagonista desses eventos. A cada mês ocorrem também lanches compartilhados, sendo que cada sala e ou grupos de alunos traz algo para compor a mesa e depois de uma determinada apresentação de auditório, o lanche é partilhado entre o público presente. Podendo notar que esses são momentos reais de construção coletiva dos diversos saberes, que envolve outras visões que não somente as da sala de aula. Nesse sentido, a referida escola pensa na flexibilização dos conteúdos e currículo para o atendimento com um olhar mais atento as



especificidades dos educandos da EJA; promovendo para que todos os espaços da escola sejam espaços efetivos de práticas sociais e de aprendizado, como avalia Juarez Dayrell:

Nessa perspectiva a escola se torna um centro juvenil, um espaço de encontro, de estímulo à sociabilidade, à aprendizagem das regras e vivências coletivas e do exercício da participação. Todas essas dimensões são aspectos centrais da convivência humana e da cidadania. (DAYRELL, 2003 p.187)

O público da escola é basicamente composto por uma maioria de jovens, entre 15 a 29 anos. Que deixaram os estudos no turno diurno por vários motivos. A saber: não adequação dos conteúdos e currículo, não respeitando suas capacidades e especificidades juvenis. Outra constatação é que “abandonaram o estudo regular por não conseguirem conciliar trabalho e estudo. Jovens que não via sentido nos estudos devido ao seu forte envolvimento no mundo das drogas, passando por instituições de recuperação de menores e de pessoas em conflito com a lei. A escola recebe também jovens que cumprem medidas sócias educativas. São jovens em sua maioria com baixa auto estima. Tanto pelo seu histórico de vida e ou local de moradia, periferia como já foi mencionado anteriormente.

Pensar a realidade desses jovens presentes no contexto da Escola Municipal Sebastião Gomes é remeter a um processo histórico de construção de uma “imagem/identidade” que a sociedade faz em relação às pessoas que moram em periferias, regiões metropolitanas, que é o

caso de Ribeirão das Neves, relegadas a um segundo plano pelo poder público. Promovendo nesses sujeitos jovens trabalhadores da EJA, acreditarem muitas vezes que são incapazes e desprovidos de capacidade de transformação de suas realidades. Constituindo marcas profundas de inferioridade.



Voltar a estudar e manter os estudos, para esses educandos, é um grande desafio, embora seja direito garantido constitucionalmente. E o estudo enquanto direito, estabelece a promoção do papel de cidadão na busca constante da construção da cidadania. Que não sendo somente pelo fato de morarem em região distante, eles jovens e adultos, têm que assumir uma condição de desqualificação social. É na verdade pensar na construção de outra identidade. Que são seres sócias, culturais e também produtores de cultura, trabalho, dignidade, ou seja, sujeitos de direito.

A partir do exposto, a Escola Municipal Sebastião Gomes, apresenta um público variado composto por uma parcela jovem de estudantes, mas que também possui um grupo representativo de adultos que procuram a escola para tentar na fala deles, recuperar o tempo perdido. São pessoas em sua maioria responsáveis e realmente muito interessadas na busca do conhecimento. Fazendo com eles educandos, sintam-se cada vez mais sujeitos, participantes da sociedade brasileira. Sujeitos que não aceitam simplesmente a condição de seres de adaptação e sim de transformação da realidade.



Nesse sentido, Paulo Freire reafirma que, "os homens são seres da práxis. São seres do quefazer, diferentes, por isto mesmo dos animais, seres do puro fazer. Os animais não "admiram" o mundo. Imergem nele. Os homens, pelo contrário, como seres do quefazer "emergem" dele e, objetivando-o, podem conhecê-lo e transformá-lo com seu trabalho." (Pedagogia do Oprimido, pag. 141)

Provocações e situações de aprendizagem pelos educandos da EJA: Projeto Invisibilidade Social:

O projeto Invisibilidade Social é pensado na perspectiva de discussão do grupo de professores que trabalha com um "olhar" voltado para contextualização das condições de vida dos alunos da EJA, da referida escola.

A justificativa então para realização deste projeto foi que: Vivemos em sociedade estratificada, que se constrói na exclusão social, fator que delimita concepções de mundo. A EJA por ser uma modalidade inclusiva por abarcar um contingente de cidadãos a quem outrora foi negado o direito à Educação Escolar. São alunos, muitas vezes jovens, trabalhadores no mercado informal e formal que após exaustiva carga horária, dirigem-se a sala de aula, a fim de atualizar os seus conhecimentos. Esses alunos em sua maioria ocupam postos relevantes no mercado de trabalho tais como: babás, pedreiros, garis, serventes, empregadas domésticas, entre outras, mas são discriminados. Em face disso esse projeto teve como objetivo principal contribuir para a valorização do aluno da EJA e sensibilizar os educandos em relação ao cotidiano social. Promovendo assim, a contribuição para o

letramento, interação com educando na percepção de que somos uma sociedade estratificada de caráter ideológico e que somos sujeitos de direitos e deveres.

Foram propostos os seguintes objetivos específicos para o desenvolvimento deste projeto interdisciplinar. Despertar para o fato de que apesar da modernidade apregoar o acolhimento da diversidade, está protagonizando a exclusão social e a diferença, amparando-se em critérios étnico-raciais, profissionais e culturais. Fazer a discussão como os condicionantes culturais, classe e poder que se presentificam cotidianamente. Sendo assim, contribuindo para a formação da cidadania.

As estratégias para que se alcançassem esses objetivos foram as seguintes: visita de campo ao museu de Artes e Ofício, com elaboração de relatório dos alunos pós a visita. Exibição do vídeo “A História das Coisas”, para que os alunos pudessem perceber a integração do modo de produção capitalista na formatação do consumismo. Estudar textos relacionados ao tema, ex- GARI, de Lourenço Diáferia, O Padeiro de Rubem Fraga. Elaboração com os educandos um roteiro de entrevista a trabalhadores que são vítimas da invisibilidade social - garis, entregadores de gás, diaristas e profissionais que exercem atividades afins, considerando a premissa da despersonalização.

O Projeto Invisibilidade Social, nasce da necessidade de possibilitar os educandos da Escola Municipal Sebastião Gomes se verem como protagonistas, sujeitos e construtores de sua própria história. Reconhecimento do seu papel e valor na sociedade a qual pertence.

O Projeto foi pensado e executado pelo coletivo de educadores da referida escola. Na perspectiva da interdisciplinaridade, desenvolvido no período de uma semana. Pensando não se estender muito, para que as atividades não se percam e se tornem cansativas para os educandos jovens. Entendo que o tempo do jovem, é muito marcado por atender necessidades imediatas e de curta duração em função de sua fragilidade de concentração. Pensar a juventude e principalmente as juventudes presentes na EJA se faz necessário conhecermos alguns conceitos sobre a temática, que nos dará suporte para melhor conhecermos esse período do desenvolvimento humano.

“A juventude pode ser entendida, ao mesmo tempo, como uma condição social e uma representação. De um lado, há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo em determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas. Mas a forma como a sociedade e, no seu interior, cada grupo social vão lidar e representar esse momento é muito variada no tempo e no espaço. Essa diversidade se concretiza no período histórico, nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores etc.), de gênero e também das regiões, entre outros aspectos. Podemos afirmar que não existe

uma juventude, mas sim juventudes, no plural, enfatizando, assim, a diversidade de modos de ser jovem na nossa sociedade.” (DAYRELL, Juarez, 2007, pag.63)

Trabalhar com o público jovem, a escola tem que estar aberta para o entendimento das especificidades de público. E uma das maiores dificuldades e ou desafios da escola em relacionar com seus alunos diz respeito “à invisibilidade” dos traços próprios da juventude, que muitas vezes são encobertos pela identidade de educandos.

“Assim, a escola passa agir como se os indivíduos à sua frente estivessem ali exclusivamente para aprender e, mais nada, para aprender aquilo que está nos currículos formais e de acordo com o que a organização escolar permite. (...) No entanto, os alunos são bem mais que estudantes: São jovens que possuem experiências exteriores à escola, constroem práticas e interagem com o mundo de formas variadas, tendo como base vivências como trabalhadores, consumidores, telespectadores, filhas e filhos, mães e pais, negros, brancos, rappers, pagodeiros etc. Todas essas dimensões constituem os jovens como sujeitos muito diversificados entre si, embora compartilhem algumas características típicas de quem está nessa fase da vida.” (Ação Educativa, 2001)

Foram realizadas atividades específicas para cada dia da semana e ou momento. No primeiro momento realizamos o levantamento de dados para a construção do perfil dos educandos: quem são jovens que trabalham fora e quais seriam as suas profissões. Também procuramos saber quais seriam as possíveis dificuldades reais enfrentadas por eles em relação a sua profissão. Os sentimentos de realização, e satisfação pessoal, profissional, salarial. Quais as suas expectativas e sonhos de futuro a partir da retomada dos estudos e como poderia interferir em outras frentes de oportunidades de trabalho e crescimento pessoal em suas vidas.

Definimos um grupo de dez alunos para socializar para toda a escola esse movimento. Comentar de forma mais detalhada sua vida profissional e de certa forma, pessoal no sentido de expressar os caminhos percorridos. Pensando sua trajetória escolar até aquele momento e como essa escolarização influencia ou influenciou na sua vida profissional.

Nesse relato, foram detectadas as mais variadas profissões, como exemplo pode-se citar: caminhoneiro, pedreiro, ajudante de pedreiro, ajudante de cozinha, cozinheiras, costureira, bordadeiras, cabeleireiras, pintor, donos de ferro velho, montadores de moveis, auxiliar de lava jato, cuidadores de idosos e de crianças, diaristas e empregadas domesticas, entre outros.

Então, realizamos uma reunião para organizarmos com esses educandos, qual seria o tempo de fala de cada, as idéias centrais, discutir um pouco dos objetivos do projeto, no

sentido de motivação e possibilitar os outros educandos a se encorajar para buscarem, também, seus objetivos. Acertar horário de chegada, a ordem de apresentação e o material a ser utilizado individual e ou no coletivo.

Durante a semana foi feita uma grande movimentação na escola. Percebia-se facilmente o nível de empolgação dos educandos e sua efetiva participação e envolvimento em todas as atividades propostas. Foi, também, exibido para todo o coletivo da escola o vídeo, **A Estória das Coisas**, que serviu como suporte para discutirmos a sociedade capitalista, sociedade de consumo, exclusão social. A relação do ter em detrimento do ser, ou seja, sociedade que valoriza mais as pessoas pelo o que elas têm e não pelo o que elas são. Sendo esse um dos maiores fatores que contribui para viabilização do processo de Invisibilidade social. Vale ressaltar, que a escolha do recurso da exibição do vídeo vai de encontro, com uma proposta de um olhar mais sensível e atento as demandas do público jovem da EJA, que está conectada com as novas tecnologias a questão da rapidez da imagem, que se propõe a uma linguagem mais rápida e portanto mais apropriada a esse educando.

Logo após a exibição do vídeo foi aberto o debate das idéias, e a relação com a vivencia. Realizamos e socializamos essa conversa em círculos de debates para a construção coletiva do conhecimento.

”Ao objetivar seu mundo, o alfabetizando nele reencontra-se com os outros e nos outros, companheiros de seu pequeno “círculo de cultura”. Encontram-se e reencontram-se todos no mesmo mundo comum e, da coincidência das intenções que o objetivam, ex-surge a comunicação, o diálogo que critiiza e promove os participantes do círculo. Assim, juntos, recriam criticamente o seu mundo: o que antes os absorvia, agora podem ver ao revés. No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em “reciprocidade de consciências”(FREIRE,P. pag. 10).

Atividade que gerou muitas construções em dialogo com as culturas dos atores envolvidos. A prática desse momento é muito importante, “porque uns grupos de discussão por meio do quais educadores usam representações e temas da vida cotidiana dos aprendizes para iniciar um diálogo crítico sobre diversos fatores que contribuem para os contextos políticos, sociais e materiais concretos nos quais os aprendizes estão inseridos. Por meio do diálogo e da reflexão coletiva, o grupo de aprendizes transformam as várias observações e opiniões em conhecimento crítico. ”Promovendo uma aprendizagem mais ampliada e socializante entre os educandos.

No decorrer da semana, trabalhamos dois textos que também faz a discussão direta com a temática da Invisibilidade Social, ”O Gari” de Lourenço Diaféria e o “Padeiro” de Rubem Braga. Atividade essa que nos possibilitou trabalhar o letramento, leitura e

interpretação dos textos. E aprofundamento das reflexões já propostas anteriormente. O texto O Gari, deixa exposto, a exclusão social e o processo de invisibilidade social em todo o texto> Ressalto aqui um trecho que chamou mais atenção dos educandos:

“O homem com seu carinho tudo isso ignorava. Ele era apenas um ponto. O homem que ali jaz era apenas um ponto.(...) No dia em que o gari morre no meio da cidade, acidente de trabalho, é que a gente percebe que ele existia.”

A discussão dos textos nos ajuda a desnudar uma situação relevante das sociedades contemporâneas, observar as contradições sociais, políticas e econômicas existente no interior de nossa sociedade. Onde o valor das pessoas muitas vezes não é reconhecido e como essas mesmas pessoas se tornam atores de invisibilidade social.

Para a culminância do projeto, reservamos a sexta-feira. Definimos e organizamos o espaço da biblioteca, para as apresentações das profissões. Combinamos com nossos educandos a realização de um lanche coletivo, em que cada turma traria uma contribuição dentro de suas possibilidades para a confraternização que ocorreria após a apresentação dos trabalhos. Vale ressaltar que o lanche coletivo, é uma prática muito habitual em nosso espaço escolar e que nossos educandos gostam muito.

No dia da culminância, os educandos foram chegando e tomando seus lugares, na biblioteca que já estava organizada para o evento. As expressões e manifestações dos educandos remetiam a uma sensação de satisfação de sentirem participantes do processo de aprendizagem e também valorizados, sendo ouvidos em suas necessidades pelo menos naquele momento. Às dezenove horas foi dado início as atividades. Um dos professores fez a abertura, contextualizando todo o processo desenvolvimento. Os educandos começaram a socialização de suas vivências e experiências. Apresentando de maneira concreta suas atividades profissionais. Assim como exemplo a aluna que relatou a sua profissão de costureira e bordadeira. Ela apresentou-se com orgulho, levou seus bordados e as próprias alunas serviram de modelos. Ocorreu um desfile em alto estilo. Apresentação muito observada e aplaudida pelo publico presente.

Assim, como outro educando que é pintor, relatou seu compromisso profissional, a importância que ele atribuía ao estudo e a sua vontade de se tornar também um professor. Momento impar, principalmente para os professores de História e de Matemática, disciplinas que verbalizou ter vontade de cursar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sujeitos jovens e adultos trabalhadores que compõe o público da EJA. Frequentam a escola como portadores e produtores de culturas diferentes e diversas e até algumas vezes divergentes. Apresentando conflitos de valores e promovendo desafios a serem vencidos.

É nessa perspectiva, que pensamos projetos alternativos, no caso o da invisibilidade social. Projeto que estarão sempre sujeitos as interpretações variadas pelos sujeitos e atores envolvidos no processo, em função de suas histórias pessoais, profissionais, visão de mundo, de identidades, pertencimento de grupo, valores, crenças e de suas próprias vivências e experiências individuais e ou coletivas. Caracterizando um complexo sistema de interações, positivas e ou não, em diferentes contextos sociais.

Nesse sentido, uma prática baseada na práxis freiriana se faz necessária para trabalhar com a juventude na EJA. Mantendo um olhar mais atento para as demandas juvenis, como se dão seus processos de inserção social, profissional e cultural. Buscando o reconhecimento de construção de uma visibilidade social. Na construção do conhecimento partilhado de saberes que envolvem os vários sujeitos históricos.

Os projetos realizados na Escola Municipal Sebastião Gomes, preocupa com a necessidade de uma proposta pedagógica da EJA, voltada para os jovens educandos que expressem seus desejos e sonhos e demandas para um olhar diferenciado das juventudes, como afirma Dayrell “Não podemos esquecer de que, se queremos compreender os jovens alunos, temos antes de mais nada, de buscar conhecê-los.”

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem que está pautada em uma Educação Problematicadora, que segundo Paulo Freire, “rejeita a educação bancária ou a educação como um simples processo de transferência de informações e abraça a visão de educação como consistindo de atos de cognição que acontecem por meio do diálogo. Estudantes e professores tornam-se co-pesquisadores críticos em diálogo uns com os outros.” (Pedagogia do Oprimido, p.68). De acordo com Freire, com a educação problematicadora “Ninguém ensina ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (p.67).

Acredito que a realização desse projeto não trabalha somente as questões cognitivas dos educandos, mas vai além, abrangendo a socialização, a relações afetivas, interação interpessoais, resgate de identidade e principalmente valorização da autoestima.

É importante ressaltar que esse trabalho que teve por objetivo descrever e analisar essa experiência educativa de EJA, desenvolvida na Escola Municipal Sebastião Gomes, no segundo semestre de 2010, tendo como foco a temática juventude e invisibilidade social, a percepção e análise em que a medida que os/as educandos/as da Educação de Jovens e Adultos – EJA – são reconhecidos nas propostas pedagógicas das instituições nas quais estão matriculados.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

CORTI, Ana Paula. **O encontro das culturas juvenis com a escola** / Ana Paula Corti, Maria Virgínia de Freitas, Marília Pontes Sposito.-- São Paulo : Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e informação, 2001.

DAYRELL. Juarez. In: **Políticas Públicas: Juventude em Pauta**. Ed. Cortez, São Paulo, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

SOARES, Leôncio. GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro. GOMES, Nilma Lino. (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 4ª ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2007.